

## METROPOLIZAÇÃO

**Sandra Lencioni**

Universidade de São Paulo  
Pontifícia Universidade Católica- Rio de Janeiro

A metropolização foi de certa forma percebida por Kayser (1969) quando ao procurar compreender as transformações no território francês faz a distinção entre espaços metropolizados e espaços não metropolizados. Ao primeiro corresponderiam todo espaço com fluxos bastante intensos e permanentes de pessoas, mercadorias e capitais, próprios da grande cidade, enquanto que aos espaços não metropolizados corresponderiam àqueles de maior heterogeneidade, com pouco investimentos de capital e de baixa densidade demográfica.

Kayser não utiliza a palavra metropolização e relaciona a ideia de espaços metropolizados à grande cidade porque tem como referência de suas reflexões o planejamento do território francês, que por meio das grandes cidades procura organizar o espaço urbano buscando contrabalançar o grande peso de Paris. Esse planejamento instituiu as metrôpoles de equilíbrio e suas zonas de influência, que na interpretação de Kayser constituem espaços metropolizados. Os demais espaços, que ele ironicamente chama de espaços restantes, seriam os que ele denomina de espaços não metropolizados e que constituem sua grande preocupação intelectual.

Essa discussão ficou latente por meio século, emergindo de forma nova nas últimas décadas do século XX, no âmbito da compreensão das profundas transformações urbanas relacionadas à globalização. Essa tem suas principais manifestações associadas às políticas de desregulamentação dos Estados Nacionais, à dominância do capital financeiro sobre a acumulação do capital produtivo, levando particularmente à renovação do setor imobiliário e à acentuada transformação do setor de serviços, bem como à flexibilização do mercado de trabalho, dentre outros aspectos.

Anunciando o novo na urbanização, a metropolização

se constitui numa das expressões da transição de uma econômica fordista para uma pós-fordista. Alterando a forma, função e estrutura na produção do espaço revela a importância das relações reticulares no conjunto das cidades, redefinido antigas hierarquias urbanas e fazendo prevalecer as relações de interconectividade social sobre as relações de proximidade física.

Embora todo conceito tenha um desenvolvimento, uma evolução e uma história, o de metropolização, por ser recente, apresenta uma grande multiplicidade de sentidos; ou seja, uma acentuada polissemia. Como qualquer conceito, o de metropolização procura, enquanto elaboração do pensamento, expressar o real e, como outros, estabelecer relação com outros conceitos, a exemplo, dos de urbanização e o de metrôpole.

O conceito de metropolização tem como matriz a palavra latina *metrôpolis*, que é derivada do vocábulo grego *mêtrópolis* e produto da junção das palavras: *mêtra* (útero, mãe) com o vocábulo *pólis* (cidade). Para a civilização grega *mêtrópolis* significava cidade-mãe em relação às colônias que ela criava e essas guardavam independência em relação à cidade-mãe, à *mêtrópolis*. Portanto, o sentido é diferente do atual. A acepção antiga de *pólis*, de cidade, também é diferente do significado de hoje em dia, uma vez que *pólis* tinha um sentido geopolítico, o de cidade-estado. Em resumo, metropolização tem origem na palavra *metrôpole*, cujo entendimento originário é completamente diferente da compreensão corrente.

A palavra metropolização tem sua gênese na palavra *metrôpole*, mas não deriva dela, mas do verbo *metropolizar*, isto porque o sufixo (-ção), de origem latina, denuncia, em primeiro lugar, que essa palavra se constituiu como um substantivo a partir de um verbo e, em segundo, que devido a esse sufixo expressa o sentido de ação, ou o de revelar o que se passa ou o de mo-

vimento. Exemplos de substantivos derivados de verbo com sufixos (-ção) são: composição (ação de compor), demonstração (demonstrar alegria, rubor, felicidade) e inclinação (movimento de inclinar).

Metropolização, em português, se constitui como um neologismo, como uma palavra nova que não consta ainda nos dicionários, embora podemos encontrá-la em textos de jornais desde a década de 1960, adjetivando cidades de grande frenesi, como São Paulo. Em matéria comentando o surgimento de lanchonetes e o fechamento de antigos restaurantes no centro de São Paulo aparece o emprego da palavra metropolização. Está escrito que o “desaparecimento quase total dos antigos restaurantes populares de modelo clássico que funcionavam no centro, tanto no núcleo novo como no antigo, foi uma decorrência natural e inevitável do processo de desenvolvimento acelerado de metropolização de São Paulo” (O Estado de São Paulo, edição de 11 de julho de 1965, p. 24).

Poderíamos ser levados a pensar que a palavra metropolização, e até mesmo sua conceituação, mesmo que ainda inicial, estaria presente no II PND – II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979) –, editado em 1974, que instituiu as primeiras regiões metropolitanas no Brasil e que também traçou as bases da política urbana brasileira. No entanto, a palavra metropolização não foi usada. A palavra metrópole foi empregada e apresentava sentido conceitual a expressar uma urbanização que contendo alguns critérios conformava regiões metropolitanas.

Como dissemos, só nas últimas décadas do século XX, no âmbito da discussão sobre globalização e na percepção de que estava ocorrendo um crescimento territorialmente extensivo das regiões metropolitanas é que o conceito de metropolização se desenvolve inicialmente restrito às transformações que ocorriam nas regiões metropolitanas, notadamente dizendo respeito ao desenvolvimento de policentralidades, à crescente extensão territorial e à intensificação das conurbações urbanas.

Essa transformação na produção do espaço anuncia que algo excepcional estava surgindo e o entendimento de que se tratava de um novo patamar da urbanização não era convincente, porque essa transformação não se constituía como um nível superior de uma mesma coisa, de um continuum, como o degrau acima na figuração de uma escada. Tratava-se de algo diferente, que rompia com a dominância dos atributos da urbanização historicamente herdada. Nessa perspectiva, tem o sentido de uma genuína metamorfose, uma mudança completa de forma, função e estrutura da urbanização. Portanto, sig-

nifica uma ruptura no processo de urbanização, uma ruptura do continuum relacionada a um novo momento, o da planetarização do urbano (Lefebvre, 2004) ou o da urbanização planetária (Brenner e Schmidt (2012).

Com intuito de lembrar o esforço pioneiro de se compreender essas transformações é que privilegiamos os autores que, de alguma maneira, marcaram o início dessa discussão. O que era percebido, de imediato, era que a metropolização ao alterar a forma, a estrutura e a função da urbanização se apresentava dominante em relação à essa. Isso significava que a metropolização convivia com processos de urbanização revelando que a realidade é diversa e nela há coexistência de vários tempos históricos. A posição de Bassand, Joye e Lereche (1995) constitui num bom exemplo da perspectiva que entende que a metropolização convive com outros processos relativos ao urbano. Esses autores chamam atenção para o fato de que a “metropolização não torna obsoletas as outras manifestações do fenômeno urbano (urbanização, sub e periurbanização), mas ela se junta a essas”. (Bassand, Joye e Lereche, 1995, 1). E se impõe sobre elas, transformando profundamente o espaço ao apresentar-se como dominante e superior a todos os outros processos de produção do espaço.

A visão de que a metropolização principia e funda uma nova época está presente em alguns autores, a exemplo de Ferrier (2003) que diz que a metropolização deve ser vista como uma pós urbanização. Para ele, as formas atuais da transformação dos lugares, das condições de vida de seus habitantes, das estruturas de produção de bens e de serviços anunciam uma nova época, uma novidade radical na história da civilização; em suma, uma mudança na modernidade.

O mesmo sentido está em Volle (1996) que considera a metropolização como um marco incontestável para se periodizar a modernidade, bem como em Meijers, Hoogerbrugge e Hollander (2013) que destacam que a metropolização está enraizada na globalização. E, ainda, em Veltz (1997) e em Quevit e Van Doren (1993), dentre outros, que chamam atenção para a relação entre globalização, reestruturação produtiva e metropolização, reafirmando a emergência de um novo período, de uma pós-modernidade.

Para Levy (1997) estamos mesmo diante de um novo ciclo urbano a desafiar a nossa compreensão e que tem como nome: metropolização. Nesse novo ciclo, caracterizado por crises e marcado por contradições e conflitos, como reiterou Bassand (2001), é bastante evidente o crescimento dos deslocamentos populacionais dada a extensão dos aglomerados que evidencia a importância da circulação, seja essa a do

auto(móvel) ou das informações que são fundamentais para a coesão interna dos aglomerados.

Lacourt (1999) e, também, Pinson e Rousseau (2011) ao comentarem que a metropolização induz à dilatação territorial das grandes cidades tecem considerações bem próximas às de Levy (1997) ao mencionarem a hiper mobilidade que acompanha o processo de metropolização. Particularmente Lacourt e Puissant (1998) consideram que a “metropolização constitui um conjunto de processos que privilegiam as grandes dimensões urbanas marcadas pelas transformações do sistema produtivo, relativo ao nível internacional e mundial. Ela conduz às organizações e a recomposições territoriais novas, tanto no plano interno dos conjuntos urbanos que lhe dizem respeito, quanto relativos às suas relações externas”. (Lacourt e Puissant, 1998, apud Lacourt, 1999, p.64).

Por outro lado, destacando a importância das redes, referimos à Lussault (2011) que entende ser fundamental para a compreensão da metropolização, a análise delas. Diríamos, as redes imateriais, de comunicações e informação, mudaram o mundo e a análise das métricas reticulares (o mesmo que dizer conectividade das redes) que aproximam o distante, independente da localização e dependente da infraestrutura de comunicação e informação, se constitui fundamental para a compreensão do espaço contemporâneo.

Já Rossel e Bassand (1995) comentam a metropolização na sua relação com a economia, enfatizando as grandes aglomerações e destacando que essa associação nem sempre é perceptível porque não estão inscritas claramente na paisagem, se constituindo num desafio para a análise. De certa maneira, o espaço se apresenta com uma fluidez líquida, mas por ter uma localização geográfica ele é perceptível e, ao mesmo tempo, oculto devido a sua forma caótica, segundo Garnier (2005).

Relacionando a metropolização ao processo de adensamento de riqueza no interior e no entorno das cidades mais importantes, podemos citar Lussault (2011) que afirma que a metropolização se constitui num processo de adensamento de riqueza no interior e no entorno das cidades mais importantes.

Como bem assinalou Bassand (1995), a metropolização convive com vários processos relativos ao urbano, como a transformação de espaços rurais em urbanos, como a histórica relação entre industrialização e urbanização, dentre tantos que poderíamos mencionar.

Em 1995, Acher dá uma grande contribuição ao debate sobre a inflexão da urbanização elaborando o conceito de metápole, relativo ao “conjunto de espaços em

que todos ou parte de seus habitantes, bem como das atividades econômicas ou dos territórios são integrados no funcionamento cotidiano (ordinário) de uma metrópole”. (Ascher, 1995, 34). Diz ele que a metápole se forma a partir de uma metrópole ou de uma grande cidade, mas extrapola a ela constituindo um espaço heterogêneo, descontínuo e polinuclear.

Ascher (1995) quando diz que o processo de metropolização extrapola à uma metrópole ou à uma grande cidade supera a visão que entende que o processo de metropolização diz respeito apenas às metrópoles e às grandes cidades, perspectiva que era bastante presente no início da conceituação de metropolização. Ao dizer que o processo de metropolização alcança lugares que se integram ao funcionamento da metrópole, ele não relaciona exclusivamente a ideia de metropolização à da metrópole ou da região metropolitana. Para ele, o que importa é perceber o alcance no espaço do processo de metropolização. Pereira (2008) também chama atenção para a necessidade de não se reduzir a ideia de metropolização à de metrópole ou mesmo à de grande cidade. Afirma que a metropolização “embora seja algo mais perceptível nas cidades maiores, é uma mudança na urbanização que não pode ser reduzida à questão da escala ou à do tamanho da aglomeração ou da população” (Pereira, 2008)

A metropolização também altera a relação entre a cidade e o campo não se constituindo como um processo que incide apenas sobre espaços urbanos. Esse processo atinge espaços rurais, espaços vazios e tantos outros tipos de espaço. A essa incidência sobre os espaços rurais, Rua (2015) denominou de urbanidades no rural que dizem respeito a “todas as manifestações materiais e imateriais em áreas rurais, sem que, por isso, essas fossem identificadas como urbanas.” (Rua, 2015: 398) (grifo nosso). Essas urbanidades no rural fazem com que a interpretação clássica da divisão entre espaços urbanos e espaços rurais se torne, de certa forma, obsoleta e correspondem a um dos sentidos de territórios híbridos concebido por Haesbaert (2004).

Os espaços rurais ou os espaços naturais ou os de lazer, bem como aqueles relacionados aos fenômenos de reurbanização, de redensificação construtiva, de turistificação e de gentrificação, dentre muitos outros, integram-se à lógica da metropolização revelando que a metropolização se constitui num processo claramente múltiplo e diversificado, formando um verdadeiro “patchwork”, uma autêntica colcha de retalhos, figura de linguagem referida por vários autores, a exemplo de Veltz (1997), Quevit e Van Doren (1993).

Ao se dissipar pelo espaço a metropolização leva

consigo hábitos e valores sociais que, até então, eram característicos do viver em metrópole. Os homens do campo e até mesmo os caiçaras ou os ribeirinhos que vivem em palafitas ou em casas flutuantes, por exemplo, experimentam signos e valores que apreendem como modernos e contemporâneos, mesclando o tradicional modo de vida com o novo. No plano dos signos e significados a metropolização os alcançam. Esse aspecto é relevante, pois não é raro relacionar a metropolização à forma que originou sua concepção, a da metrópole e das grandes cidades restringindo-a aspectos materiais, desconsiderando aspectos sociais e culturais, como os hábitos e valores que acompanham a metropolização.

Embora seja na expansão das metrópoles e na urbanização dispersa constituintes de grandes regiões urbanas que a metropolização seja mais visível porque é, também, mais intensa, cabe assinalar que ela não se restringe a essas formas-conteúdo. Seria um grande reducionismo compreendermos a metropolização como sendo resultado da transformação de espaços urbanos em metropolitanos, bem como incidindo apenas em espaços urbanos.

Como observou Kayser (1969) os processos sociais e espaciais produzem espaços metropolizados e não metropolizados. Mas, não nos esqueçamos que a metropolização produz, também, o que lhe é mais inerente, o espaço metropolitano, espaço esse não explicitado pelo eminente geógrafo. A produção do espaço metropolizado, do espaço não metropolizado e do espaço metropolitano constituem a tríade da metropolização, que como totalidade dialética não se encerra em si mesma, mas se relaciona com outras totalidades.

Em síntese, a metropolização se constitui numa associação de processos sociais e espaciais relacionada à reestruturação do capital e do espaço que revoluciona e metamorfoseia o urbano coexistindo com antigos processos de urbanização. Ao desenvolver a reprodução do capital na sua relação com a produção do espaço dá sobrevida ao capitalismo, tanto pela emergência de dinâmicas novas para sua reprodução, como pela renovação de estratégias de formação de capital que sempre lhes foram instrumentais na apropriação e produção do espaço, tais como, a expropriação, o desapossamento e a espoliação, renovando contradições e conflitos.

Completando, a metropolização tem nas metrópoles e grandes cidades sua face mais avançada e, por isso mesmo, seu desenvolvimento tende a adensar a riqueza nas cidades mais importantes, a ampliar a extensão territorial delas, a desenvolver conurbações e a integrar espaços descontínuos, heterogêneos, a exemplo dos espaços rurais, naturais e de lazer, além de desenvolver

múltiplas centralidades. Requer o desenvolvimento da circulação em geral, buscando maior fluidez no deslocamento de pessoas e mercadorias, bem como da circulação imaterial relativa aos fluxos imateriais de comunicações e informação, implicando, portanto, no desenvolvimento da interatividade que busca a interconectividade dos lugares. Por último, vale insistir, que a metropolização é responsável pela homogeneização de hábitos e valores metropolitanos, não importando o onde, o lugar.

## Referências

- ASCHER, F. *Métapolis ou l'Avenir des Villes*. Paris: Odile Jacob, 1995.
- BRASIL. II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979). Brasília: Imprensa Oficial. Disponível em: <[http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/geisel/ii-pnd-75\\_79](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/geisel/ii-pnd-75_79)>. Acesso em novembro de 2018.
- BASSAND M.; JOYE, D.; LERESCHE, J-P. Les enjeux de la métropolisation. In: LERESCHE, J-P. ; JOYE, D. ; BASSAND, M. (org.) *Métropolisations. Interdépendances Mondiales et Implications lémaniques*. Genève: Georg-Institut Universitaire Kurt Bosch, 1995, p. 1-15.
- BASSAND M. Les six paramètres de la métropolisation. *Cahier de la Métropolisation. Enjeux et définition de la métropolisation*, v. 1, p. 33-39. 2001.
- BRENNER, N.; SCHMIDT, C. Planetary urbanization, in Gandy, M. (ed.) *Urban Constellations*. Berlin: Jovis, 2012, 10-13.
- FERRIER, J-P. Pour une théorie (géographique) de la métropolisation. *Enjeux et définition de la métropolisation. Cahier de la Métropolisation*, n.1, p. 41-51 2003. Disponível em:< [www.metropolisation.org/cahier \\_metropolisation/n\\_1](http://www.metropolisation.org/cahier_metropolisation/n_1)> Acesso em 20 e maio de 2004.
- GARNIER, J. Proximités Lourdes, proximité légères: une trajectoire de l'appareil productif dans l'aire métropolitaine marseillaise. *Géographie, Économie, Société*. 2005/4, vol 7, p. 365-380. Disponível em <[http:// www.cairn. info/revue-geographie-economie- societe-2005-4page-365.htm](http://www.cairn.info/revue-geographie-economie-societe-2005-4page-365.htm) >. Acesso em: 02.04. 2010
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- KAYSER, Bernard. L' espace non-metropolisé du territoire français. *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, n. 4, p. 371-378, 1969.
- LEFEBVRE, H. Quand la ville se perd dans la métamorphose planétaire. *La Somme et le Reste*, n.3, 2004, p. 21-23. Disponível em: <<http://ddata.over-blog.com/xxxyyy/2/48/95/06/La-Somme-et-le-Reste/S-R-3.pdf>> Acesso em: 24 de agosto de 2005.
- LACOURT, C. La métropolisation. *Méthodologie de Recherche et Théorisation des Villes*. In: LACOURT C. ; PUISSANT, S.; (org.) *Croissance, diversité, fractures*. Paris: Anthropos, 1999, p. 63-113.
- LEVY, J. Penser la ville: un impératif sous toutes les latitudes. *Cahiers d'Études sur la Méditerranée Orientale et le monde Turco-Iranien*, n. 24, 1997. Disponível em: < <http://cemoti.revues.org/1458>> Acesso em 2 de abril de 2004.
- LUSSAULT, M. L'urbain métropolisé français dans la mondialisation, *Territoires 2040*, n° 3 et 4, Datar, La Documentation française, 2011.
- MEIJERS, J. B.; HOOGERBRUGGE, M.; HOLLANDER, K. Twin cities in the process of metropolisation. *Urban Research & Practice*, vol. 7, 2013, issue 1, p. 35-55. Disponível em:< <https://doi.org/10.1080/17535069.2013.827906>> Acesso em 11 de setembro de 2014.
- PINSON, G.; ROUSSEAU, M. Les systèmes métropolitains intégrés: état des lieux et problématiques. *Territoires 2040: revue d'études et de prospective*, Paris, Documentation Française, DATAR, p. 29-58, 2011. Disponível em: <[http://territoires2040.datar.gouv.fr/IMG/pdf/t2040\\_ n4\\_integralite.pdf](http://territoires2040.datar.gouv.fr/IMG/pdf/t2040_n4_integralite.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2012.
- QUEVIT, M.; VAN DOREN, P. Stratégies d'innovation et référents territoriaux. *Revue d'Économie Industrielle*. Paris, v. 64, 1993, p. 38-53.
- PEREIRA, P,C, X. São Paulo: globalización y transición metropolitana. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. *Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/213.htm>> Acesso em 30 de junho de 2008.
- ROSSEL, P.; BASSAND, M. Métropole et Métropolisation: à la croisée de la gestion technique et de la construction sociale. In: LERESCHE, J-P, JOYE, D.; BASSAND, M. (org) *Métropolisations. Interdépendances mondiales et implications lémaniques*. Genève: Geogr. Institut Universitaire Kurt Bosch, 1995. p.19-42.
- RUA; J. O preço da terra e os megaprojetos como marcantes urbanidades no rural na fase atual de organização do espaço geográfico. In: FERREIRA, A.; RUA, R.; MATTOS, R. C. de (org.) *Desafios da metropolização do espaço*. Rio de Janeiro: Consequência, 2015, p.389-420.

VELTZ, P. Mondialisation, villes et territoires. L' économie d' archipel. Paris, PUF, 1997.

VOLLE, J-P. Ville et Région. Approches de la question urbaine en Bas-Languedoc. Toulouse, 1996. 268f. Thèse de doctorat (Géographie et Aménagement) – Université de Toulouse-Le-Mirail.